

VIOLÊNCIA NA INTIMIDADE EM TRAJECTÓRIAS DE RECLUSAS DE NACIONALIDADE ESTRANGEIRA

Raquel Matos (rmatos@porto.ucp.pt), Rafaela Granja, Mariana Amorim, Mariana Barbosa & Gabriela Salgueiro

ENQUADRAMENTO

- Lacunas na investigação sobre mulheres, crime e reclusão e, em particular, sobre mulheres estrangeiras nas prisões;
- Necessidade de aprofundar o conhecimento sobre experiências de vitimação em trajectórias de vida de mulheres em situação de reclusão (Matos, 2008);
- Aumento de população estrangeira nas prisões Europeias (Coyle, 2009);
- Aumento da proporção de cidadãos estrangeiros detidos em Portugal, com destaque para a população reclusa feminina (Santos & Seabra, 2006; Hostettler & Achermann, 2008);
- Necessidade de desconstruir estereótipos em relação a crime e imigração.

OBJECTIVOS

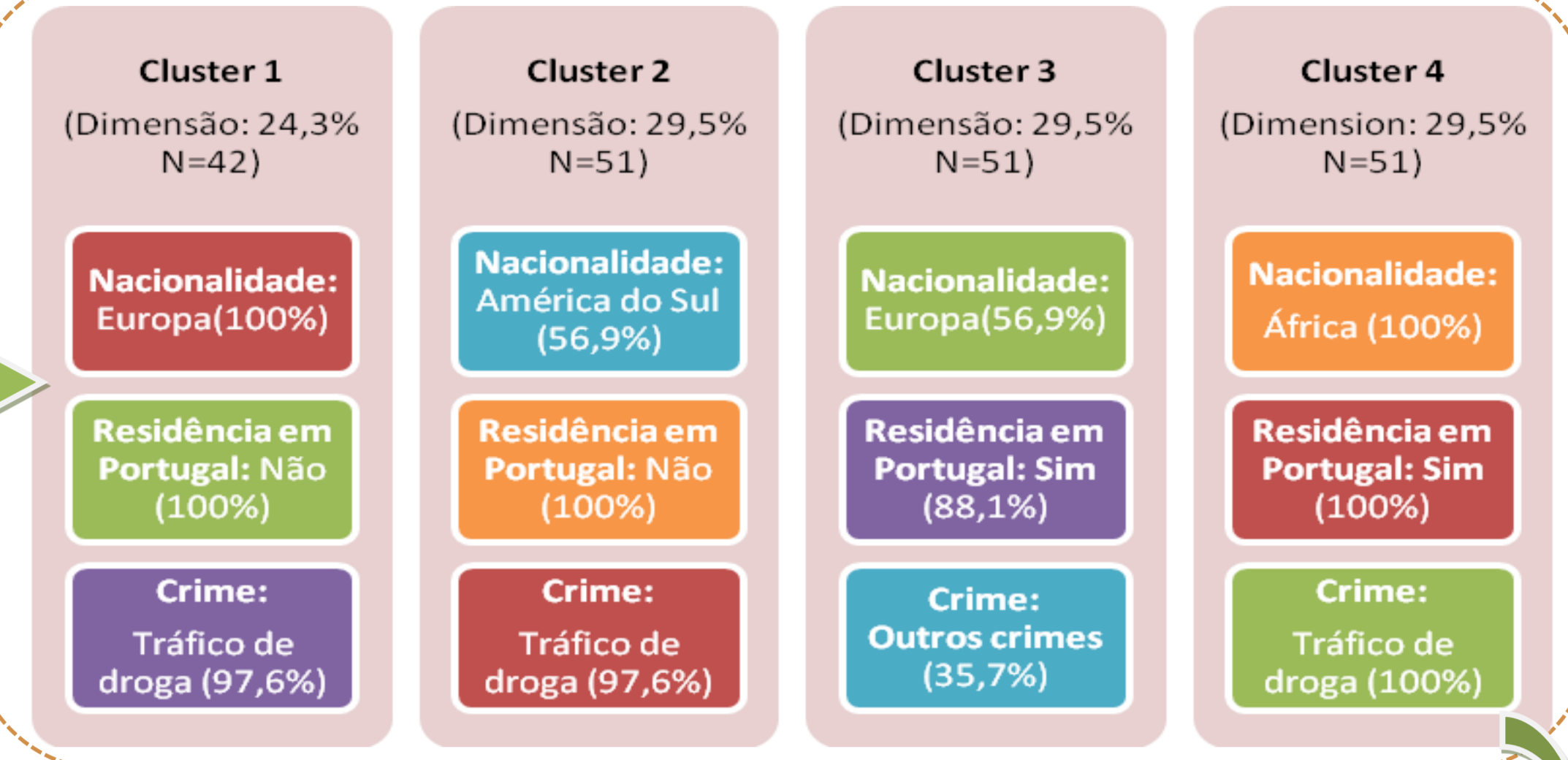
- Analisar trajetórias de vida de mulheres estrangeiras detidas em Portugal, em particular as narrativas sobre violência na intimidade.

MÉTODO

ESTUDO 1

Objectivo:
 Caracterização sócio-demográfica e jurídico-penal

Participantes:
 186 reclusas estrangeiras



ESTUDO 2

Entrevistas semi-estruturadas a 43 das 186 mulheres, com o objectivo de aceder à construção narrativa de trajectórias de vida.

NESTE POSTER: Analisamos 16 entrevistas (relativas a 4 mulheres de cada cluster), com recurso ao *software* Nvivo 9. Focaram-se particularmente as narrativas relativas a violência na intimidade.

RESULTADOS

Violência na intimidade surge nas narrativas de 6 das 16 participantes (37,5%)

Tipos

- Predomínio de violência física, com indicadores de violência emocional

Causas

- Dominação masculina (Ciúmes; Não aceitação de gravidez)
- Alcoolismo

Dinâmicas

- Perpetuação do ciclo
- Final do ciclo / Término da relação

Crenças

Ambivalência entre condenação e legitimação da violência

	Tipos	Causas	Dinâmicas	Crenças
Mulheres de países da Europa, não residentes em Portugal (3/4)	<p>“deu-me um chapadão daqueles... eu nem sei como sobrevivi aquela chapada” (E., Espanha, 30 anos)</p> <p>“meia hora antes (...) ligou para fazer chantagem e disse-me que se eu não pagasse todas as dívidas...” (M., Espanha, 36 anos)</p>	<p>“quando estava grávida da minha filha ele queria que eu abortasse de uma outra forma então batia-me muito, atirava-me pelas escadas” (Z., Holanda, 27 anos)</p>	<p>“eu como sempre perdoei-lhe, perdoei-o...” (E., Espanha, 30 anos)</p> <p>“aguntei um pouquinho de mais tratos, mas depois disse-lhe que não e vim-me embora.” (M., Espanha, 36 anos)</p> <p>“(...) decidi separar-me. Vi que não dava mais para ficar.” (Z., Holanda, 27 anos)</p>	<p>“Deu-me uma chapada mas com muita, muita razão e tinha toda a razão e ainda, coitado, chorava...” (E., Espanha, 30 anos)</p> <p>“Eu sempre fui forte, nunca deixei que ninguém me pusesse a mão em cima. Só aguntei o pai do meu filho...” (M., Espanha, 36 anos)</p>
Mulheres da América do Sul, não residentes em Portugal (1/4)	<p>“o meu marido, (...) ficou violento, eu arranquei um pedaço de peito dele no dente, me batia, vinha com a faca por cima de mim e tudo (...)” (G., Brasil, 40 anos)</p>	<p>“quando fiquei grávida da menina, quando eu ficava grávida dele, ele mandava-me ir à clínica e abortar, não queria bebés...” (G., Brasil, 40 anos)</p>		
Mulheres de países da Europa, residentes em Portugal (1/4)	<p>“Porque me batia muito.(...)” (X., Roménia, 39 anos)</p>	<p>“Bebia, bebia, bebia muito, muito. Até agora ele bebe muito.” (X., Roménia, 39 anos)</p>	<p>“O pai dos meus filhos... eu sou separada. Estamos separados há 26 anos.” (X., Roménia, 39 anos)</p>	<p>“(...) Mas dos meus filhos, cuida bem deles. Gosta deles, não posso dizer nada. (...) Ele é bom pai, trata bem deles desde pequenos, não posso dizer nada.” (X., Roménia, 39 anos)</p>
Mulheres de origem africana, residentes em Portugal (1/4)	<p>“começou a ficar muito violento, batia... (...)” (Y., Guiné-Bissau, 49 anos)</p>	<p>“eu depois expandi-me, eu quis sempre evoluir, depois comecei a ler coisas, a querer conhecer e ele achou que eu já estava a fugir da mão dele.” (Y., Guiné-Bissau, 49 anos)</p>	<p>“Eu lembro-me que eu voltava a minha casa e minha mãe dizia assim “escolheste como marido? então volta. O teu lugar é lá. O que estás a passar é o que eu passei com o teu pai, volta.” (...) Depois quando morreu a minha mãe separei-me mesmo dele.” (Y., Guiné-Bissau, 49 anos)</p>	<p>“até hoje tenho esperanças de eu voltar um dia para ele. Sempre foi bom pai, não tenho porque me revoltar, nunca faltou aos filhos com nada, com os estudos nada... Mesmo eu fugindo dele, ele ajudou sempre, sempre.” (Y., Guiné-Bissau, 49 anos)</p>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- A violência na intimidade emerge em trajectórias de vida de mulheres estrangeiras reclusas em Portugal, sendo visível em todos os grupos considerados, com maior destaque para as mulheres europeias sem residência em Portugal. A elevada prevalência deste tipo de violência tem também sido evidenciada em estudos com reclusas de nacionalidade portuguesa (e.g., Matos, 2008) constatando-se a «universalidade» do fenómeno.
- São descritas dinâmicas de perpetuação de ciclos de violência, assentes sobretudo i) na importância que os papéis tradicionais de género detêm no cenário íntimo; ii) no desejo feminino de providenciar aos filhos a vivência numa família nuclear tradicional; iii) e nos sentimentos que as mulheres nutrem pelos companheiros.
- É frequente a opção destas mulheres pelo término da relação, embora, em alguns casos, este possa ter resultado essencialmente da reclusão. Os discursos de legitimação da violência e de desculpabilização do agressor podem constituir-se como factores que contribuem para a manutenção de relações abusivas (Matos, 2006), a que poderão regressar após o cumprimento de pena.
- A análise ainda preliminar dos dados não possibilita uma discussão enquadrada na diversidade cultural das participantes. Em análises posteriores, das trajectórias de vida da globalidade das participantes, procuraremos perceber se, para além da base comum nas experiências de violência na intimidade, emergem diferentes matizes ao nível da vivência e significações atribuídas a essa violência, de acordo com a nacionalidade e com o contexto de residência prévia destas mulheres.